

ATITUDES LINGUÍSTICAS NA FRONTEIRA: AS LÍNGUAS E SEUS LUGARES

Tadinei Daniel Jacumasso¹

Resumo: O objetivo principal deste estudo é investigar atitudes linguísticas de falantes de português que moram em Foz do Iguaçu, Paraná. Os estudos acerca de atitudes linguísticas se inserem na área da Sociolinguística. Os resultados da nossa pesquisa convergem com outros resultados no que diz respeito às atitudes linguísticas para com o espanhol, que são de aproximação e valorização dessa língua motivada pela possibilidade de ascensão social e profissional. Quanto ao português, os enunciados investigados mostram certa regularidade no que tange a saber a língua “corretamente”, discursos esses decorrentes de uma tradição escolar baseada no ensino da norma e da gramática da língua portuguesa. No que diz respeito ao guarani, os dados analisados nos indicam que há um desprestígio em relação a essa língua e aos paraguaios que moram e trabalham na Ciudad del Este.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas. Lugar das línguas. Foz do Iguaçu.

LINGUISTIC ATTITUDES AT THE BORDER: THE LANGUAGES AND THEIR PLACES

Abstract: This study aims at investigating the linguistic attitudes of speakers of Portuguese, who live in the city of Foz do Iguaçu, in the state of Paraná. Studies on linguistic attitude are inserted within the Sociolinguistics field. The results of this study, which converge with other studies' results regarding linguistic attitudes towards Spanish, point to the approximation and appreciation of Spanish, motivated by the possibility of social and professional ascension. In relation to Portuguese, the statements examined show certain regularity concerning the “correct” knowledge of the language; such discourse comes from a school tradition based on the teaching of Portuguese norms and grammar. With regard to Guarani, the data analyzed indicate that there is a discredit regarding this language and the Paraguayan people who live and work in Ciudad del Este.

Keywords: Linguistic attitudes. Place of languages. Foz do Iguaçu.

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, USP, no Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. E-mail: tadinei@unicentro.br

Contextualizando o problema e a fronteira

A fronteira à qual fazemos referência no título deste texto diz respeito à fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. A maior cidade dessa região é Foz do Iguaçu, e é conhecida por marcar geograficamente esse território fronteiriço paranaense e brasileiro. Do outro lado do Rio Iguaçu está a cidade argentina de Puerto Iguazú. Já em terras paraguaias, a Ciudad del Este margeia o Rio Paraná. O tema que apresentamos diz respeito ao multilinguismo presente neste cenário, e em tantos outros cenários brasileiros, responsável pela riqueza de elementos culturais, pela interação entre diversos povos, capital simbólico de tantas culturas e alvo de inúmeras políticas homogeneizadoras.

Num contexto multilíngue como esse, certamente o tema das atitudes linguísticas deve estar presente. E é sobre isso que teceremos algumas considerações daqui em diante. Já de imediato alertamos ao leitor a respeito de quais línguas estamos falando: o português, o espanhol e o guarani. Isso não quer dizer que nesses espaços não circulem outras línguas. Os contextos multilíngues são por natureza lugares que despertam nos falantes um sentimento de avaliação linguística, de reações a determinados dialetos e variedades, tanto em relação à sua quanto à língua dos outros. Isso quer dizer que esses contextos são terrenos férteis para o estudo das atitudes linguísticas. E estudar as atitudes linguísticas é importante sob o ponto de vista de que:

la actitud ante la lengua y su uso se convierte en especialmente atractiva cuando se aprecia en su justa magnitud el hecho de que las lenguas no sólo son portadoras de unas formas y unos atributos lingüísticos determinados, sino que también son capaces de transmitir significados o connotaciones sociales, además de los valores sentimentales. Las normas y marcas culturales de un grupo se transmiten o enfatizan por medio de la lengua. (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 178).

No Paraguai, as línguas oficiais são o guarani e o espanhol. Ao contrário do que muitos brasileiros pensam, especialmente aqueles que foram lá alguma vez para fazer compras, o guarani não é falado somente pelos paraguaios que trabalham no comércio fronteiriço da Ciudad del Este, especialmente quando não querem que os brasileiros saibam o que os guarani-falantes conversam entre si. De acordo com Niro,

El guaraní es una lengua que resulta mayoritaria en una zona de América del Sur y que cuenta con la particular característica de ser, a diferencia de otras lenguas amerindias, también hablada por la población no indígena. La vitalidad del guaraní se extiende en las zonas comprendidas por la República del Paraguay, el sur de Brasil, el chaco boliviano y las provincias argentinas de Corrientes, Misiones, Formosa y Chaco, nordeste de Santa Fe y norte de Entre Ríos (NIRO, 2010, p. 209).

Na descrição do autor, fica evidente que o número de falantes e o território ocupado pelo guarani são bastante significativos. O mesmo autor trata detalhadamente a questão da política linguística do guarani e a identifica como um feito histórico, haja vista que em pouco tempo, essa língua ameríndia “en pocas décadas se pasó de la ausencia normativa a una instancia de fuerte intervención a favor de la oficialización y la educación formal *en guaraní*” (NIRO, 2010, p. 232, grifo do autor). Não são poucos os trabalhos de pesquisa publicados no Brasil (STURZA & TATSCH, 2012; REIS, 2013; REIS, 2006; CÁRDENAS & WEBBER, 2018; SELLA, AGUILERA & CORBARI, 2018; entre outros) que se aproximaram do guarani. Alguns deles (talvez a maioria) se preocuparam com a questão dos contatos linguísticos com o português e o espanhol e a implicação desses contatos para a aprendizagem das línguas.

Na fronteira, somadas ao guarani e outras línguas indígenas, estão as línguas portuguesa e espanhola, as quais convivem lado a lado entre si desde o seu nascimento. Uma leitura rápida sobre as contribuições da Linguística Histórica nos mostrará

o quão forte é a relação entre essas duas línguas no tempo e no espaço. Embora não seja objeto de análise neste estudo, além dessas três línguas já mencionadas, a língua inglesa figura em qualquer espaço do planeta, e nessa tríplice fronteira não é diferente, sobretudo por sua vinculação como língua estrangeira ensinada na maioria das escolas da região e por se fazer presente nas questões comunicativas relacionadas ao turismo local, uma vez que as Cataratas do Iguaçu são, conforme dados da EMBRATUR (<http://www.embratur.gov.br/>), o segundo ponto turístico mais visitado anualmente no Brasil por estrangeiros.

Diante dessa breve exposição do cenário sociolinguístico, apresentamos o objetivo geral do estudo, que é investigar as atitudes linguísticas de falantes brasileiros de português como língua materna que moram em Foz do Iguaçu. As atitudes investigadas são em relação às três línguas: espanhol, português e guarani. O material a ser analisado foi coletado no segundo semestre de 2015, no centro da cidade de Foz do Iguaçu e nas proximidades da Ponte da Amizade, a qual liga a cidade brasileira com a Ciudad del Este, no Paraguai. O instrumento usado para coletar os dados foi um questionário objetivo com doze perguntas (ver anexo) que possibilitavam a múltipla escolha nas respostas e um campo para inserção de comentários. Neste texto, apresentaremos as análises referentes às respostas de sete dessas perguntas. Participaram voluntariamente da pesquisa setenta e oito informantes. Desses, quarenta e dois eram do sexo/gênero masculino e trinta e seis do sexo/gênero feminino. A idade dos informantes varia entre dezoito anos e sessenta e dois anos e o nível de escolaridade deles varia entre ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio e ensino superior. Após o preenchimento do questionário, os informantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual declararam concordar com os

termos da pesquisa, assim como foram informados dos objetivos e dos procedimentos metodológicos adotados e os cuidados éticos necessários. Os informantes foram abordados nos seus locais de trabalho e nas ruas de Foz do Iguaçu e convidados para participarem voluntariamente da pesquisa.

Para as análises a que nos propomos neste estudo, optamos por apresentar neste texto os percentuais com os valores médios totais, isto é, sem diferenciar os informantes segundo a idade, nível de escolaridade e sexo, haja vista que nas análises com as variáveis em separado, os resultados acabaram sendo muito parecidos com os resultados apresentados aqui. Como critério de inclusão dos informantes, tomamos o cuidado de que houvesse um pouco de equilíbrio numérico de informantes para cada faixa etária, para cada nível de escolaridade e para cada sexo/gênero. Em relação à escolaridade, encontrar informantes com ensino fundamental incompleto tem sido cada vez mais difícil, especialmente com atividade laboral no comércio. Além disso, para a inclusão dos informantes, foi estabelecido o seguinte: ser natural de Foz do Iguaçu ou morar na cidade há mais de dez anos e ser falante de português como primeira língua. Na ficha social do questionário também havia um espaço para que os informantes anotassem a sua ocupação. Nesse quesito, tivemos as mais variadas ocupações, como por exemplo: taxista, vendedora, aposentado, desempregado, dona de casa, empresário, entre outros, como se pode ver na tabela 1. Obviamente, o número de informantes é pouco representativo considerando toda a população de Foz do Iguaçu, que conta com mais de duzentos e cinquenta mil habitantes (IBGE, 2019).

A seguir, apresentamos uma tabela como os dados dos setenta e oito informantes que participaram da pesquisa. A ordem dos informantes disposta na tabela é a mesma da aplicação dos questionários.

Tabela 1: Dados dos informantes que participaram da pesquisa.

	Sexo/Gênero	Idade/anos	Escolaridade	Ocupação
Inf. 01	Masculino	21	Ensino Médio	Taxista
Inf. 02	Feminino	28	Ensino Superior	Professora
Inf. 03	Masculino	44	Ensino Médio	Professor
Inf. 04	Feminino	36	Ensino Superior	Pedagoga
Inf. 05	Masculino	22	Ensino Médio	Desempregado
Inf. 06	Feminino	57	Ensino Médio	Cozinheira
Inf. 07	Feminino	45	Ensino Fundamental	Cozinheira
Inf. 08	Masculino	51	Ensino Médio	Taxista
Inf. 09	Masculino	62	Ensino Fundamental	Taxista
Inf. 10	Masculino	60	Ensino Fundamental	Taxista
Inf. 11	Masculino	43	Ensino Médio	Taxista
Inf. 12	Feminino	29	Superior	Recepcionista
Inf. 13	Masculino	18	Ensino Médio	Vendedor
Inf. 14	Masculino	32	Ensino Médio	Vendedor
Inf. 15	Masculino	27	Ensino Superior	Vendedor
Inf. 16	Feminino	25	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 17	Feminino	53	Ensino Fundamental	Dona de casa
Inf. 18	Masculino	52	Ensino Fundamental incompleto	Agricultor
Inf. 19	Masculino	20	Ensino Médio	Desempregado
Inf. 20	Feminino	18	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 21	Feminino	30	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 22	Feminino	22	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 23	Feminino	26	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 24	Masculino	44	Ensino Superior	Gerente
Inf. 25	Masculino	18	Ensino Médio	Estudante
Inf. 26	Masculino	19	Ensino Médio	Estudante
Inf. 27	Feminino	18	Ensino Médio	Estudante
Inf. 28	Masculino	61	Ensino Fundamental incompleto	Aposentado
Inf. 29	Masculino	58	Ensino Médio	Aposentado
Inf. 30	Feminino	40	Ensino Superior	Professora
Inf. 31	Masculino	36	Ensino Superior	Bancário
Inf. 32	Feminino	26	Ensino Superior	Fotógrafa
Inf. 33	Feminino	33	Ensino Médio	Desempregado
Inf. 34	Masculino	56	Ensino Superior	Professor
Inf. 35	Masculino	40	Ensino Superior	Secretário
Inf. 36	Masculino	38	Ensino Fundamental	Pedreiro
Inf. 37	Feminino	24	Ensino Médio	Auxiliar de dentista
Inf. 38	Feminino	51	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 39	Masculino	32	Ensino Superior	Vendedor
Inf. 40	Feminino	24	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 41	Masculino	54	Ensino Médio	Vendedor
Inf. 42	Masculino	48	Ensino Médio	Vendedor
Inf. 43	Feminino	25	Ensino Médio	Caixa
Inf. 44	Feminino	60	Ensino Médio	Caixa
Inf. 45	Masculino	56	Ensino Superior	Empresário
Inf. 46	Feminino	19	Ensino Médio	Empacotadora
Inf. 47	Feminino	28	Ensino Médio	Recepcionista
Inf. 48	Masculino	43	Ensino Médio	Camareira
Inf. 49	Feminino	49	Ensino Médio	Camareira

Inf. 50	Feminino	25	Ensino Médio	Garçonete
Inf. 51	Masculino	30	Ensino Médio	Garçom
Inf. 52	Masculino	57	Ensino Fundamental	Açougueiro
Inf. 53	Feminino	20	Ensino Médio	Desempregado
Inf. 54	Feminino	45	Ensino Fundamental	Zeladora
Inf. 55	Masculino	25	Ensino Médio	Estoquista
Inf. 56	Feminino	58	Ensino Fundamental	Aposentada
Inf. 57	Masculino	62	Ensino Fundamental	Aposentada
Inf. 58	Masculino	18	Ensino Médio	Office boy
Inf. 59	Feminino	23	Ensino Médio	Balconista
Inf. 60	Feminino	37	Ensino Superior	Auxiliar administrativa
Inf. 61	Feminino	28	Ensino Superior	Farmacêutica
Inf. 62	Masculino	25	Ensino Superior	Farmacêutico
Inf. 63	Masculino	37	Ensino Superior	Bioquímico
Inf. 64	Feminino	23	Ensino Superior	Caixa
Inf. 65	Masculino	26	Ensino Médio	Moto taxista
Inf. 66	Masculino	32	Ensino Médio	Moto taxista
Inf. 67	Masculino	19	Ensino Médio	Moto taxista
Inf. 68	Masculino	21	Ensino Médio	Moto taxista
Inf. 69	Feminino	25	Ensino Médio	Caixa
Inf. 70	Masculino	53	Ensino Médio	Garçom
Inf. 71	Masculino	20	Ensino Médio	Garçom
Inf. 72	Feminino	57	Ensino Fundamental	Cozinheira
Inf. 73	Masculino	52	Ensino Superior	Empresário
Inf. 74	Feminino	50	Ensino Superior	Empresária
Inf. 75	Masculino	34	Ensino Médio	Vendedor
Inf. 76	Feminino	21	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 77	Feminino	25	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 78	Masculino	39	Ensino Médio	Vendedor

Fonte: Autoria própria

Neste texto o leitor encontrará, na próxima seção, uma breve exposição de alguns estudos clássicos referentes às atitudes linguísticas e a sua contribuição para o campo dos estudos da linguagem, além de uma seção dedicada às análises dos resultados obtidos por meio da aplicação dos questionários aos setenta e oito informantes. Na última parte, apresentamos as considerações finais.

As atitudes linguísticas

Quando se faz uma revisão da literatura acerca das atitudes linguísticas, inevitavelmente o pioneiro trabalho de William Lambert e Wallace Lambert e seus colaboradores, realizado em Montreal, nos anos sessenta, na área da Psicologia Social, deve estar presente. Nele, os autores investigaram as atitudes linguísticas de jovens universitários canadenses falantes bilíngues de inglês e francês. O método de investigação utilizado para aquele estudo foi o indireto, de modo que os informantes não sabiam explicitamente o objetivo da pesquisa. A técnica usada para aquelas medições ficou conhecida como técnica dos falsos pares, ou pares ocultos (*matched guise*). Originalmente, essa técnica consistiu em gravar falantes bilíngues que dominassem as duas línguas sobre as quais se pretendia investigar as atitudes linguísticas. O mesmo informante gravava dois áudios, com o mesmo conteúdo, nas duas línguas.

Esses áudios eram ouvidos por outros informantes (juízes ou jurados), também bilíngues, que emitiam julgamentos sobre as vozes que ouviam. O que se pedia aos juízes era que descrevessem, numa escala de muito a muito pouco, os falantes donos das vozes do ponto de vista da beleza física,

da religiosidade, da inteligência, da confiabilidade, da simpatia, do caráter, entre outros. No fundo, os informantes pensavam que estavam emitindo julgamentos sobre a voz das pessoas quando, na verdade, estavam emitindo pareceres sobre as línguas. Os resultados dessa investigação pioneira mostraram uma atitude positiva dos anglófonos e dos francófonos para com a língua inglesa. Chama a atenção, nesse estudo, o fato de os francófonos valorizarem positivamente aos que leram os textos em inglês e terem uma atitude mais negativa que os anglófonos em relação às gravações feitas em francês. Concluíram os autores que, no Canadá, o inglês e seus falantes gozavam de um prestígio e pesava sobre o francês e seus falantes um estigma.

No Brasil, vale a pena mencionar um projeto sobre atitudes linguísticas coordenado pela professora Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O título do projeto é “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato no interior paranaense” (AGUILERA, 2008). Faziam parte do projeto pesquisadores de cinco universidades estaduais paranaenses. Os dados foram coletados em oito municípios do estado, sendo seis deles (Foz do Iguaçu, Pranchita, Capanema, Santo Antonio do Sudoeste, Marechal Cândido Rondon, Guaíra) na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina e dois (Irati e Ponta Grossa) na região central do estado, numa região de imigração, especialmente de alemães, italianos, poloneses e ucranianos. Os resultados estão sendo publicados em revistas, dissertações e teses, assim como em anais de eventos da área. A metodologia do projeto consistiu em entrevistar dezoito informantes em cada município (exceto em Foz do Iguaçu, onde foram entrevistados trinta e seis informantes). As entrevistas contemplaram quarenta e seis perguntas e tomaram como norte um questionário de Bergamaschi (2006). Buscou-se avaliar as atitudes linguísticas em relação às línguas

em contato e ao português (e, por extensão, aos seus falantes) de cada localidade. Sobre a metodologia adotada no projeto, de acordo com Corbari (2013, p. 93),

as perguntas, basicamente, buscam verificar: a) a(s) língua(s) falada(s) pelo informante na infância com os familiares, e no presente; b) a percepção do informante com relação às diferentes línguas faladas em sua comunidade; c) a avaliação do informante com relação a essas línguas (quem fala melhor ou pior, qual língua é mais bonita ou mais feia); d) o posicionamento do informante com relação ao seu uso em lugares públicos ou à sua aprendizagem na escola; e) a avaliação do informante com relação à sinceridade ou falsidade de amigos falantes dessas línguas (caso os tenha); e f) a aceitação ou não do informante de manter relacionamento afetivo, profissional e de vizinhança com membros das diversas etnias.

Em se tratando de estudos sobre atitudes vinculadas à língua espanhola, vale fazer referência aos projetos PRESEEA (Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América) e PRECAVES (Proyecto para el estudio de creencias y actitudes hacia las variedades del español en el siglo XX e XXI), que pretendem conhecer as crenças e atitudes de diversos grupos de falantes sobre as variedades normativas do espanhol. Com base na proposta de Moreno Fernández (2008, 2009), estas oito variedades são as seguintes: castelhana, andaluza, canária, mexicano-centroamericana, caribenha, andina, chilena e rio-platense. Esses projetos contam com financiamento do governo espanhol, e reúnem vários pesquisadores de renome na área. A metodologia consiste na aplicação de um questionário baseado na técnica indireta de falsos pares ou pares ocultos (em espanhol conhecido também como a técnica dos *hablantes máscara*), conforme detalhado a seguir:

La primera parte de la encuesta tiene como objetivo la obtención de datos personales y sociogeográficos de los informantes. Los datos personales a los que se atiende, por su posible incidencia en las creencias y actitudes sociolingüísticas, son los siguientes: sexo, edad, nivel de estudios, profesión y lengua materna. Los datos sociogeográficos, que se recogen,

también por su implicación en las valoraciones y comportamientos del individuo, son el país de nacimiento y los países hispanohablantes que haya visitado. (CESTERO; PAREDES, s.d., p. 04).

comportamientos futuros. Una actitud no es algo que se pueda examinar y medir del mismo modo que las células de la piel o el ritmo de pulsaciones de una persona. *Sólo podemos deducir que alguien tiene actitudes mediante sus palabras y acciones.* (Grifo dos autores).

Feita essa exposição de três grandes projetos que são referências para os estudos de atitudes linguísticas, passamos a seguir a tratar de questões conceituais e suas contribuições para o campo de estudo, além de identificar aqueles conceitos e postulados com os quais mais nos aproximamos. Nesse sentido, é possível dizer que há uma “certa” unanimidade dos autores em relação à sua (falta de) definição e em relação às dificuldades de se medi-las. Isso se deve, até certo ponto, porque o conceito de atitude linguística é originário da Psicologia Social e não da Linguística. Além disso, é bastante complexo decidir que atitudes medir, quantos e quais serão os informantes que poderão representar um determinado grupo social e qual(is) método(s) mais apropriado(s) para medir as suas atitudes. Um conceito de atitude que nos agrada e que coaduna com os nossos estudos é este: “uma atitude é uma disposição para responder favoravelmente ou desfavoravelmente a um objeto, pessoa, instituição ou evento” (AYZEN, 1988, p. 04 apud KAUFMANN, 2011, p. 122). Essa disposição para emitir juízos de valor, especialmente sobre as línguas e os modos de falar, é característica do ser humano, ou seja, estamos sempre prontos e “aptos” para fazer avaliações, positivas ou negativas, sobre as línguas e as pessoas que as usam. Outra contribuição sobre os estudos atitudinais convergente com a nossa proposta é a de Henerson, Morris y Fitz-Gibbon (1987, p. 11 apud HERNÁNDEZ CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 93):

el concepto de actitud, como muchos otros conceptos abstractos, es una creación – un constructo. Como tal, es una herramienta útil para observar orden y consistencia en lo que la gente dice, piensa y hace, de modo que, dados ciertos comportamientos, se puedan llevar a cabo predicciones sobre otros

O que parece ser inegável é a contribuição que os estudos sobre atitudes linguísticas dão para outras áreas da linguística. Como exemplo, os estudos sobre variação e mudança linguística se ancoram também nos estudos de atitudes linguísticas, especialmente quando se fazem previsões sobre determinados fenômenos em variação. Blas Arroyo (1994, p. 143) afirma que as atitudes linguísticas contribuem com uma série ampla de fenômenos relacionados à variação linguística. Segundo ele, “las actitudes pueden contribuir poderosamente a la difusión de los cambios lingüísticos, a la definición de las comunidades de habla, a la consolidación de los patrones de uso y de evaluación social”. Para Moreno Fernández (2009, p. 177), “una actitud lingüística favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz”. O referido autor expõe que uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística ocorra mais rapidamente ou que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais produtivo. Por outro lado, uma atitude desfavorável ou negativa pode fazer que uma língua seja deixada de lado, além de impedir a difusão de uma variante ou que ocorra uma mudança linguística. A atitude é a manifestação de um falante sobre a sua língua ou sobre a língua dos outros, assim como quanto ao uso das línguas na sociedade.

A seguir, procederemos às análises dos dados obtidos com a realização da pesquisa de campo. A exposição leva em conta valores numéricos aproximados em porcentagem e os articula aos comentários descritivos dos informantes.

Análises dos resultados

A primeira pergunta do questionário é a seguinte: se seu filho precisasse de uma babá, você contrataria uma que falasse guarani? A segunda pergunta tinha o mesmo enunciado, exceto pela substituição do guarani pelo espanhol. Os resultados para essas duas perguntas foram os seguintes: 89% assinalaram que não contratariam uma babá que falasse guarani. Já 66% mencionaram que sim, contratariam uma babá que falasse espanhol. Numa comparação imediata, e sem nenhuma reflexão mais profunda, percebemos uma atitude positiva em relação ao espanhol e uma atitude negativa em relação ao guarani. Não é de se espantar com essa avaliação, uma vez que pesa sobre o guarani um estigma que foi construído e alimentado no Brasil fronteiro através dos tempos. Essa atitude negativa em relação ao guarani condiz com a falta de interesse dos brasileiros em aprender essa língua, justamente porque ela não é sinal de ascensão social, ao contrário do espanhol, que pode representar uma possibilidade de crescimento pessoal e profissional.

A maneira como elaboramos a pergunta pode induzir o informante a pensar que a babá só fala guarani ou espanhol. Em alguns casos, antes de assinalar no questionário a sua opção, os informantes nos perguntaram se a babá também falava português. Respondemos afirmativamente, considerando, sobretudo, que se uma pessoa se dispusesse a trabalhar no Brasil como babá, de alguma forma, ela teria conhecimentos mínimos sobre a língua portuguesa. No espaço destinado a comentários, para esse par de perguntas, selecionamos este comentário: “se a babá fosse gente boa não importa, mesmo que fale o guarani. Mas ela tinha que saber o brasileiro pelo menos para entender as nossas ordens” (Inf. 45). Vale mencionar que as transcrições dos comentários dos informantes estão exatamente como aparecem

nos questionários, sem correções, acréscimos ou supressões. Cabe dizer também que os setenta e oito informantes foram identificados como Inf. 01, Inf. 02, Inf. 03, e assim sucessivamente.

Na sequência, procedemos à descrição do Inf. 45, conforme consta na Tabela 1, acima: informante do sexo masculino, com escolaridade de nível superior, pertencente à terceira faixa etária, com cinquenta e seis anos de idade. Atua como empresário no ramo de vestuário, no centro da cidade de Foz do Iguaçu. Converte com a posição social (patrão, branco, classe média alta) desse informante a parte em que coloca como condição para a possível postulante à vaga de emprego saber falar o brasileiro (ou o português brasileiro), a fim de que ela (a babá) saiba entender as suas ordens. Deprendemos desse tipo de enunciado a posição de quem manda e a de quem obedece, uma vez que o informante não se mostra interessado na comunicação turno a turno, em que haja reciprocidade com a possível babá. Parece, sim, no comentário do Inf. 45, um movimento unilateral de alguém que fala de um lugar superior em direção aos seus subordinados, representados, nesse ato, pela babá.

O segundo bloco de perguntas (perguntas 3 e 4) versa sobre isto: você se disporia a aprender o espanhol ou o guarani para trabalhar de empregado(a) para uma empresa no Paraguai cuja língua de comunicação fosse o espanhol / guarani? Mais uma vez percebemos uma atitude positiva em relação ao espanhol e uma atitude negativa em relação ao guarani. Apenas 22% dos informantes reagiram positivamente a aprender o guarani se ele fosse uma condição para conseguir uma vaga de trabalho, ou seja, um número bastante pequeno. No caso de ser a língua espanhola necessária para conseguir a vaga de emprego, 71% dos informantes apresentaram atitude positiva, afirmando que aprenderiam essa língua. Na comparação, mais uma vez fica nítida uma reação positiva em relação ao

espanhol e uma reação negativa no que diz respeito ao guarani. Esses percentuais são muito parecidos com os resultados obtidos quando separamos as variáveis idade, escolaridade e sexo/gênero. Diante disso, resolvemos apresentar os resultados sem a separação por variável.

Cabe mencionar que também nesse bloco de perguntas houve manifestações dissertativas no espaço destinado a comentários. Uma dessas manifestações que nos chamou a atenção foi a seguinte: “eu só ia se fosse bem lá pra dentro do Paraguai. Eu não ficava aqui na fronteira. Aqui quase todo mundo fala guarani, até dá nos nervos (sic) da gente quando não entende (sic) nada do que falam. Por isso eu não quero aprender essa língua, mas se fosse o espanhol aí sim ia ser pelo menos bem valorizado aqui no Brasil até pra pegar um serviço” (Inf. 19). O Inf. 19 é um jovem rapaz com vinte anos de idade, com ensino médio completo e atualmente encontra-se desempregado. A condição (com certa ingenuidade) imposta por ele para se dispor a trabalhar numa empresa paraguaia é a de que não seja na fronteira, condição essa significativa do ponto de vista do estigma que sofrem os paraguaios que trabalham no comércio fronteiriço da Ciudad del Este. O argumento apresentado por ele leva em consideração o fato de que a comunicação entre paraguaios na fronteira acontece, quase sempre, em guarani, o que torna a compreensão praticamente nula por parte dos brasileiros. É oportuno mencionar que esse informante assinalou no questionário que não se disporia a aprender o guarani. Também vale ressaltar que o guarani não é falado somente nos limites geográficos que dão contorno à fronteira comercial paraguaia com Foz do Iguaçu. “Bem lá pra dentro do Paraguai” também se usa o guarani como língua de comunicação, inclusive em grandes empresas, como mencionamos no início deste texto, quando problematizamos a fronteira e o problema de pesquisa.

Ademais, ao final do comentário desse informante, surge uma questão que merece nossa atenção: o conhecimento do espanhol como sinônimo de possibilidade de emprego no Brasil. É antiga essa representação de que o conhecimento de línguas, especialmente do inglês e do espanhol, abre portas no mercado de trabalho. Isso não é completamente falso, pois sim é possível conseguir postos de trabalho à medida que se conhece(m) uma ou mais línguas estrangeiras. No entanto, a esse respeito, há uma difundida ilusão anunciada principalmente em escolas de idiomas cujo propósito maior é a satisfação financeira dos seus proprietários. Há inúmeros estudos que convergem com o discurso apresentado pelo Inf. 19 no que tange à associação entre saber línguas e mercado de trabalho, entre eles o estudo de Jacumasso, Krause-Lemke e Loregian-Penkall (2010), no qual os autores mostraram que aprender línguas para os informantes está estreitamente vinculado ao crescimento profissional e à abertura de portas no mercado laboral. Também devemos considerar que esse argumento condiz, provavelmente, com a condição de desempregado pela qual o informante est(á)ava passando no momento.

A quinta, a sexta e a sétima perguntas faziam referência à importância do guarani, do português e do espanhol na vida de cada informante. Esse bloco de perguntas tinha como objetivo indagar, em parte, os lugares que o guarani, o português e o espanhol ocupam na vida dos informantes. Os resultados quantitativos foram os seguintes: Para 94% dos informantes, o guarani não tem nenhuma importância. Para todos os informantes (100%) o português é fundamental e para 34% dos informantes o espanhol é fundamental. Esses números apenas por si só são pouco (ou quase nada) significativos, pois já era de se esperar uma pouca (ou nula) importância do guarani na vida dos informantes, assim como era de se esperar uma lealdade linguística em relação ao português. No

que se refere aos números sobre a importância do espanhol, não há nada de extraordinário, portanto, não há nada que mereça destaque nisso que apresentamos. O que merece destaque, a nosso ver, são dois comentários, cuja transcrição e discussão estão apresentadas a seguir. São eles: i) “O guarani devia ser estinto (sic) ele só serve pra cumprir (sic) a vida do brasileiro” (Inf. 28). ii) “Aqui no Brasil o espanhol é muito importante porque tem até uma lei sobre ele nas escolas. Estudar inglês é só perder tempo, tinha que ser o espanhol” (Inf. 60).

O Inf. 28 é do sexo masculino, aposentado, com sessenta e um anos de idade e assinalou que seu nível de escolaridade é ensino fundamental incompleto. A Inf. 60 é do sexo feminino, com trinta e sete anos de idade, possui ensino superior e trabalha como auxiliar administrativa numa rede de hotéis. O comentário do Inf. 28 mostra claramente o lugar marginal que é dado, em geral, pelos brasileiros fronteiriços, ao guarani, sinal de estigma e preconceito. O informante decreta o apagamento dessa língua, como se isso fosse algo tão simples, sem saber, talvez, que no Paraguai ela faz parte da vida da maioria dos falantes. Para ilustrar essa análise, são oportuníssimas as palavras de Calvet (2002, p. 12): “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Extinguir o guarani, como quer o informante, seria apagar a história de um povo. O comentário da Inf. 28 vai ao encontro de uma ampla discussão nacional acerca do lugar que as línguas estrangeiras ocupam (ou deveriam ocupar) nas escolas brasileiras. A lei a que ela faz referência é a Lei nº 11.161/2005, que antes de ser revogada em 2017, obrigava as escolas a oportunizar aos seus alunos a oferta do ensino da língua espanhola, sobretudo no ensino médio. Convém salientar o item mencionado pela informante no que diz respeito ao fracasso escolar relacionado ao inglês. Não é de hoje que se sabe, com base em estudos científicos e de diagnóstico,

que pouco os estudantes aprendem da língua inglesa quando essa está incluída no currículo das escolas brasileiras. Os possíveis motivos para esse fracasso não serão elencados neste texto.

Diante dessas análises prévias apresentadas acima, fica bastante claro o desprestígio que os brasileiros moradores de Foz do Iguaçu declaram em relação ao guarani. Esse desprestígio já foi evidenciado em outros estudos, como o de Pastorelli (2012), por exemplo, quando investigou as crenças e as atitudes linguísticas no município de Capanema. Segundo a autora,

No que se refere aos vizinhos de fronteira, em geral, uma quantidade razoável de informantes demonstrou não verem os paraguaios de maneira positiva. Esse sentimento pode ser motivado, inclusive, pelo uso do guarani jopará, o que provoca certo distanciamento por parte dos moradores de Capanema, que se sentem barrados pelo idioma [...] Assim, de acordo com as respostas cedidas pelos entrevistados, o povo paraguaio é visto de forma desprestigiada pelos capanemenses e em alguns momentos estereotipados (PASTORELLI, 2012, p. 256-257).

No caso de Pastorelli (2012) há uma menção direta a atitudes negativas em relação aos paraguaios, o que não é o caso para o nosso estudo, pois tratamos de investigar as atitudes para com as línguas, embora saibamos (e trabalhamos nessa perspectiva) de que as línguas estão vinculadas aos seus falantes. Para Moreno Fernández,

Las actitudes lingüísticas son reflejo de unas actitudes psicosociales; de hecho son actitudes psicosociales. Si, como hemos comentado, las lenguas tienen un significado o unas connotaciones sociales, es natural que sean apreciadas y evaluadas de acuerdo con los estatus o las características sociales de sus usuarios. Por eso no resulta fácil delimitar dónde comienza la actitud hacia una variedad lingüística y dónde termina la actitud hacia el grupo social o el usuario de esa variedad (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 179. O primeiro grifo é do autor. O segundo grifo é nosso).

No que diz respeito aos estereótipos linguísticos, isso não é novidade do nosso tempo. Calvet (2002, p. 67) mostra que “a história

está repleta de provérbios ou de fórmulas pré-fabricadas que expressam os preconceitos de cada época contra as línguas”. Segundo o autor, “conta-se que Carlos V falava aos homens em francês, em alemão a seus cavalos e em espanhol a Deus” (CALVET, 2002, p. 67). Esses provérbios, entre outros, ilustram que os preconceitos e estereótipos acompanham as línguas e seus falantes há muito tempo. O *status* ou prestígio que é atribuído a cada língua decorre de inúmeros elementos que são produzidos socialmente pelos falantes em relação à sua língua e à língua dos outros. Para Moreno Fernández (2009, p. 187) “el prestigio puede ser considerado, bien como una conducta, bien como una actitud. Esto quiere decir que el prestigio es algo que se tiene y se demuestra, pero también es algo que se concede”. No caso das análises apresentadas acima, ficou demonstrado o pouco prestígio que os brasileiros, moradores de Foz do Iguaçu, atribuem ao guarani.

No que concerne aos estereótipos, Silva-Corvalán (2001, p. 108) afirma que “la tendencia a estereotipar, es decir, a percibir y ordenar el mundo objetivo en términos de categorías sin excepciones, es típica de los seres humanos”. No caso do Brasil, notadamente um país multilíngue e dono de uma rica diversidade cultural, terreno fértil para tantos contatos linguísticos, não são poucos os preconceitos e estereótipos presentes na vida do brasileiro. Pesa sobre o falar rural, por exemplo, preconceitos das mais diversas índoles. Na mesma linha de raciocínio, Van Dijk (2008, p. 213) acena que os estereótipos são “representaciones mentales de las experiencias personales que se van almacenando a partir de acciones, hechos o situaciones específicas”. Nesse sentido, é possível afirmar que as pessoas estão sempre aptas a estereotipar e colocar determinados grupos de pessoas ou línguas ou culturas em compartimentos subjetivos que vão sendo criados ao passo que se

conhecem outras culturas, modos de ser e fazer de outras pessoas e grupos.

Considerações finais

O objetivo inicial deste estudo foi investigar as atitudes linguísticas de brasileiros, falantes de português como língua materna, moradores de Foz do Iguaçu em relação ao guarani, ao português e ao espanhol. Certamente, o número de informantes pode ser considerado pouco representativo se levarmos em consideração os mais de duzentos e cinquenta mil habitantes que moram nesse município. De qualquer forma, entendemos que o nosso estudo traz alguma contribuição que se vincula a outros resultados de pesquisas (PASTORELLI, 2012, por exemplo) no tocante à confirmação de que há um desprestígio em relação ao guarani e aos paraguaios que moram e trabalham na Ciudad del Este. Os resultados da nossa pesquisa também convergem com outros resultados no que diz respeito às atitudes linguísticas para com o espanhol, quais são de aproximação e valorização dessa língua motivada por possibilidades de ascensão social. Quanto ao português, a recorrência dos discursos se vincula a questões de saber ou não saber falar a língua “corretamente”, discursos esses decorrentes de uma tradição escolar baseada no ensino da norma e da gramática da língua portuguesa.

Essas atitudes negativas dos brasileiros em relação ao guarani tendem a se manter, justamente porque essa língua não é vista pelos brasileiros como sinal de *status* social. Já as atitudes dos informantes em relação ao espanhol estão dentro de uma média (se é que isso pode ser dito assim), uma vez que a relação dos brasileiros com o espanhol tem se mantido estável, com alguns incrementos advindos do campo das políticas linguísticas até 2016, com a inserção (vagarosa) do espanhol no currículo

das escolas brasileiras e alguns retrocessos desde 2017 a partir da proposta do Governo Federal de reforma do Ensino Médio. Pesa a favor do espanhol o fato de ser uma língua que representa ascensão social, justificada pela possibilidade de crescimento profissional e abertura de portas no mercado de trabalho. A proximidade linguística com o português também conta, na maioria das vezes, pontos positivos a favor do espanhol. Diante disso, pensamos que essas atitudes em relação ao espanhol também vão se manter.

Para finalizar, colocamos um aspecto que nos parece ser merecedor de um aprofundamento maior. Não vamos retomar aqui os elementos que favorecem ao espanhol e desfavorecem ao guarani, no entanto, se os paraguaios são em sua maioria falantes bilíngues do guarani e do espanhol, porque somente contra o guarani as reações avaliativas são desfavoráveis? Essa questão pode ser transcrita tomando como parâmetro a dificuldade exposta por Moreno Fernández (2009) no que diz respeito a identificar onde começa a atitude diante de uma língua e onde começa a atitude diante do falante (ou grupo de falantes) dessa língua. Ocupar-nos-emos dessa tarefa e tentaremos investigar esse aspecto em trabalhos futuros.

Referências

AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato no interior paranaense**, UNIOESTE, 2008. [Projeto coordenado pela autora e financiado pela Fundação Araucária].

BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas**. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

BLAS ARROYO, J. L. Valenciano y castellano.

Actitudes lingüísticas de la sociedad valenciana. Hispania, v. 77, n. 1, p. 143-155, 1994. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/hispania--19/html/025685ca-82b2-11df-acc7-002185ce6064_5.html#27>. Acesso em: 25 jan. 2020.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÁRDENAS, L. O. G.; WEBBER, M. A.; Quando “o outro” está em casa: mobilidade guarani na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai. **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales**, v. 5, n. 9, p. 39-54, 2018. <<https://iberoamericasocial.com/quando-outro-esta-em-casa-mobilidade-guarani-na-triplice-fronteira-argentina-brasil-e-paraguai/>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

CESTERO, A. M.; PAREDES, F. **Metodología. PRECAVES-XXI**, Universidad de Alcalá. Disponível em: <<http://www.variedadesdelespanol.es/Content/Metodolog%C3%ADa%20proyecto%20PRECAVES-XXI.pdf>>. Acesso em: 18 de out. 2019.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2013.

HERNÁNDEZ CAMPOY, J. M.; ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>>. Acesso em: 27 out. 2019.

JACUMASSO, T. D.; KRAUSE-LEMKE, C.; LOREGIAN-PENKAL, L. **Representações de alunos do ensino médio sobre ensino/aprendizagem de língua espanhola**. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 11, n. 20, p. 89-105, 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/>>

index.php/linguaseletras/article/view/3372>. Acesso em: 25 jan. 2020.

KAUFMANN, G. **Atitudes na sociolingüística: aspectos teóricos e metodológicos**. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4. ed. Madrid: Ariel, 2009.

NIRO, M. **El guaraní como lengua oficial: entre el nacionalismo y la integración regional**. In: CELADA, M. T.; FANJUL, A. P.; NOTHSTEIN, S. Lenguas en un espacio de integración: acontecimientos, acciones, representaciones. Buenos Aires, Biblos, 2010. p. 209-235.

PASTORELLI, D. S. **Crenças e atitudes linguísticas em região de fronteira – Capanema**. In: ALTINO, F. C. (Org.). Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012. p. 246-263.

REIS, R. C. P. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

_____. **Atlas lingüístico do município de Ponta Porã - MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

SELLA, A. F.; AGUILERA, V. de A.; CORBARI, C. C. **Reflexões sobre atitudes**

linguísticas em espaço de línguas em contato: o contexto de fronteira. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 3170-3179, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n3p3170/37761>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001.

STURZA, E. R.; TATSCH, J. **A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem**. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 53, p. 83-98, 2017. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/290>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

VAN DIJK, T. A. **Semántica del discurso e ideología**. **Discurso & Sociedad**, v. 2, n. 1, p. 201-261, 2008. Disponível em: <<http://www.dissoc.org/ediciones/v02n01/DS2%281%29Van%20Dijk.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2019.

ANEXO: QUESTIONÁRIO

Sexo	<input type="checkbox"/> Masculino
	<input type="checkbox"/> Feminino
Escolaridade	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto
	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo
	<input type="checkbox"/> Ensino Médio
	<input type="checkbox"/> Ensino Superior
Ocupação	
Idade	

1. Se seu filho precisasse de uma babá, você contrataria uma que falasse guarani?

☐ Sim

☐ Não